

Crítica // Dia D ★★★★★

Ricardo Daehn

Se cinema é luz e som, Steven Spielberg, no mais recente filme, tira proveito do elemento silêncio. Cabe ao espectador das jornadas da apresentadora de tevê Margaret Fairchild (Emily Blunt) e do expert em guardar segredos Daniel Kellner (Josh O'Connor), que favorecem o contato entre humanos e seres extraterrestres, compartilhar da condição atônita. O vazamento de dados confidenciais vai redimensionar a compreensão do mundo, no roteiro de David Koepp (reconhecido pela repaginada de *Missão: Impossível* e pela inventividade de *Jurassic Park*).

A trama de *Dia D* vem de uma história original criada pelo mesmo diretor de *E.T.* (1982) e *Contatos imediatos de terceiro grau* (1977). A determinação de um punhado de personagens — detentores de dados “absolutamente sensíveis” — mudará o curso da história. Simples e hábil na comunicação, Spielberg dá vazão, mesmo entre temas complexos, ao seu cinema inclusivo. Energia e tempo são proporcionadas na trama do filme que detém alta carga de suspense.

Narrativas paralelas avançam até a arquitetada reunião dos protagonistas que despertam a fúria do empresário da Wardex (Noah Scanlon, papel de Colin Firth), aliada ao Departamento de Defesa, no acobertar de dados desconhecidos pela população mundial.

A exemplo do feito no *Indiana Jones* original (1981), Spielberg reveste tudo com emoção, com as músicas orquestradas de John Williams (das quais não se envergonha de embrulhar as cenas de alta voltagem) e se esbalda em

Há quase 10 anos distanciado da ficção científica, o mestre Steven Spielberg escancara o domínio do gênero no longa estrelado por uma atônita protagonista interpretada por Emily Blunt

A ciência da imaginação pura

FOTOS: UNIVERSAL/DIVULGAÇÃO



Dia D: embate entre a fé e a tecnologia

arquétipos do conto de João e Maria, usa trecho de música à la Disney e ainda traz um recado muito enraizado no seu

clássico extraterreno de 1982.

Grosso modo, *Dia D* encampa situações que lembram *Sinais*, *A chegada*, *O mundo depois de nós* e, muito mais diretamente, *Avatar*, com a conexão direta entre corpos e

vivências de duas pessoas, por meio de um chamado link cerebral. Nisso, o inexplicável chega, diante da capacidade de se bisbilhotar a mente alheia e se reajustar realidades tanto física quanto mentais de personagens.

Entre tipos em polvorosa ou que deambulam, sem entendimento de experiências que fogem aos padrões terrenos, com esquisitices na comunicação interpessoal, pouco a pouco, Spielberg explora temas como o embate entre fé e tecnologia. Fala da troca de corpos, com um quê de espiritualidade, e ainda afeta mentalmente o público — que acompanha a materialização de memórias de personagens e vê o impossível acontecer, como a criação de música a partir de manobras matemáticas. No final de *Dia D*, entretanto, a racionalidade se esvai e a chave para o sensível cinema de Spielberg acusa ser a empatia. “Você perdeu sua fé nas pessoas”, alerta um dos personagens, em determinada situação. Algo a ser reconquistado, na visão do mestre do cinema de ficção científica.



Em Dia D, o espectador vê o impossível acontecer